

**SUBSÍDIOS TEÓRICOS DO CONCEITO CULTURA PARA
ENTENDER O LAZER E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS
THEORETICAL SUBSIDIES OF THE CONCEPT CULTURE
TO UNDERSTAND THE LEISURE AND ITS PUBLIC
POLITICS**

Dndo. Marco Antonio Bettine de Almeida
Dr. Gustavo Luis Gutierrez
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Resumo

Este artigo tem como foco principal compreender a relação do conceito cultura nas políticas de lazer. Utilizamos como procedimento de análise a teoria de consensos argumentativos habermasiana, para tanto, metodologicamente, distinguiu-se a cultura em três campos: massa, popular e erudita. O lazer foi aproximado a partir destas definições, já que ele encontra-se nas relações sociais. Com a separação em campos determinados, em tipos, foi possível diagnosticar a influência da relação lazer e cultura nas políticas públicas, destacando que as mesmas ficam restritas não as necessidades sociais mas na manutenção do poder político.

Palavras-Chave: Lazer; Cultura; Políticas públicas.

Introdução

Este artigo procura desenvolver o lazer a partir do conceito cultura e sua influência nas políticas públicas. A cultura atrelada ao lazer será desenvolvida a partir da seguinte subdivisão: cultura de massas, cultura popular e cultura erudita. Esta análise embora rápida, privilegiou alguns autores de referência, por isso este artigo tem a intenção de apresentar um panorama dos conceitos mencionados. Acreditamos, contudo, mais do que urgente desenvolver a relação entre lazer e cultura, privilegiando a interpretação das ações práticas das políticas públicas de lazer.

Por fim, cabe salientar que o trabalho procura traçar um resumo teórico das relações entre lazer e cultura, focado nas atuações políticas, procurando, assim, contribuir para a reflexão ampla das dimensões culturais no lazer e nas políticas públicas.

1 Cultura e seus Múltiplos Significados

Apesar de inúmeras discussões sobre cultura, admitiremos, neste primeiro momento, que o termo cultura tem duas denotações básicas. A primeira, trazida da tradição grega, descreve a formação do homem enquanto agente no mundo, referindo-se ao homem como ser uno à procura do autoconhecimento e em estreita relação com as artes, ofícios e expressões sociais. Tendo-se tornado praticamente sinônimo de progresso, o termo hoje designa o conjunto das tradições, técnicas, instituições que caracterizam um grupo humano: a cultura compreendida desta maneira é normativa e adquirida pelo indivíduo, no seio social. Desta forma, cultura é uma palavra que se aplica tanto a uma comunidade desenvolvida do ponto de vista técnico ou econômico, como às formas de vida social mais rústicas e primitivas. A cultura, segundo Geertz (1989), é pensada como sistema simbólico, claramente possível pelo isolamento histórico de grupos humanos, expressa as relações próprias da comunidade, passando por gerações, até caracterizar-se por um sistema integrado de ações conjuntas, identificadas por sua ideologia, crenças, expressões, formas de ser e estar. Já Bourdieu (1989) sustenta a construção coletiva totalmente influenciada pela representação explícita e da expressão verbal.

O significado de cultura mais antigo aborda o refino, a boa educação, a formação intelectual e humana, tem a sua correspondência nos gregos e latinos, ligado a educação do homem como tal, isto é, a educação às “boas artes” próprias do ser humano e que o diferenciam de todos os outros seres animados. A cultura na Grécia antiga é a procura e a realização que o homem faz de si, fortemente filosófica. O homem só pode realizar-se como tal, através do conhecimento de si mesmo e do seu mundo e, portanto, mediante a pesquisa da verdade em todos os domínios que lhe interessam. Este domínio é fortemente conectado com a cultura erudita.

A cultura, no outro sentido, integra-se nos diferentes mecanismos sociais que perpassam pelo universo simbólico-espacial do agente, o corpo tem um papel determinante como filtro e percepção cultural, seja através dos sentidos, ou compreendida como experiências. Na formação do universo cultural têm-se diferentes níveis de compreensão, seja nas formas de integrar-se aos outros, nas diferentes formas

de aprendizado ou na influência do meio ambiente. O termo cultura empregada como sinônimo de civilização, através da tradição iluminista, é interpretado por seus elementos individuais, o chamado agente sociais e/ou históricos, neste sentido que Elias aponta para uma idéia de civilização representada por um coletivo que define certas normas, mas que, inserido nesta teia de significados, o ser humano procura na sua formação cultural características múltiplas de relacionamento no pensar e agir (ELIAS, 1984).

A partir destes dois referencias de cultura, podemos colocar diferentes dimensões da cultura, como a cultura criada pelo povo (popular), que articula uma concepção do mundo em contraposição aos esquemas oficiais; a cultura erudita que é transmitida na escola e sancionada pelas instituições; a cultura de massa que reflete um sistema industrial em desenvolvimento e que tem base no fetiche, na mercantilização das relações e no consumo.

Cabe destacar alguns teóricos da cultura, como Bosi (1986), que atentam para o caráter dominador da cultura de massa frente às outras duas designações de cultura. Nesta interpretação, a partir de leituras de Adorno e Horkheimer, a crise da cultura popular leva a concepção de cultura de massa, sendo uma nova era para a cultura popular, afastada do folclore, organizada pelos meios poder e dinheiro, fortemente massificada, isto é, sem as distinções sociais e o isolamento, formando uma cultura média incorporada por todos. Além de Bosi, outros autores como Morin, Adorno e Benjamim acusam a cultura de massa de não ser cultura mas industria, de não ser orgânica mas exterior e manipuladora da inteligência e sensibilidade. Mais recentemente, Habermas reinterpreta as colocações da Escola de Frankfurt sobre industria cultural e cultura de massa, que não cabe neste momento de discussão, que se resume na forte presença do mundo da vida na re-interpretação da cultura de massa (ALMEIDA, 2003). Já Morin, na mesma linha de Walter Benjamim, aborda a cultura de massa através da perda de sensibilidade denominando-a “segunda industrialização”, a ser a industrialização do espírito (MORIN, 1997). Para o autor a segunda industrialização é uma terceira cultura oriunda da imprensa do cinema, do rádio, da televisão, que surge, desenvolve-se, projeta-se, ao lado das culturas clássicas e nacionais.

Um primeiro problema já é detectado na relação lazer e cultura com a ampliação da ação da cultura de massa, que é a confusão da concepção do lazer moderno como sendo sinônimo da indústria cultural. Podemos resumir o lazer moderno ao acesso democrático a um tempo livre que antes era o privilégio das classes dominantes, no entanto, há a massificação do lazer, através da fabricação em série e a venda a crédito que abrem as portas para os bens industriais, para a facilidade do lar com aparelhos eletrodomésticos e fins-de-semana na praia. É então possível começar a participar da civilização do bem-estar, e essa participação embrionária no consumo significa que o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa, não é mais a participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares. Ele é, progressivamente, a possibilidade de ter uma vida consumidora (MORIN, 1997).

2 Lazer e seus Múltiplos Significados

A definição clássica de lazer vem da tradição de Dumazedier (1979) que define o lazer como o conjunto de ações escolhidas pelo sujeito para diversão, recreação e entretenimento, num processo pessoal de desenvolvimento. Tem caráter voluntário e é contraponto ao trabalho urbano-industrial. É interessante notar que Morin (1997) se pauta no tempo livre, mas é muito mais cético que Dumazedier quanto a potencialidade de transformação pelo lazer, o lazer moderno, para Morin, é o acesso ao tempo livre vincula-se ao tempo industrial e possui como principal característica o repouso, recuperação do trabalho e reprodução da sociedade de consumo. Outro autor que se apóia na dicotomia lazer-trabalho para definir lazer é Magnani (2000), discutindo o interesse pessoal como principal característica do lazer. Este interesse ocorreria após o sujeito libertar-se das obrigações impostas pelo trabalho profissional.

Elias e Dunning (1992), por sua vez e afastando-se da tradição dicotômica, entendem o lazer como um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social, pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer. O prazer definido enquanto a busca de um descontrolo medido ou ainda um

descontrole controlado. Para os autores o lazer, apesar de trabalhar no limite do descontrolo, está intimamente ligado às dimensões culturais e podem ser estudadas através de ações pontuais como, por exemplo, atividades recreativas ou a excitação no estádio de futebol (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112). Outro trabalho interessante é de Gutierrez (2000), o autor procura afastar-se da dicotomia lazer/trabalho, pensando o lazer pela busca do prazer, entendendo prazer enquanto construção histórica inserida numa sociedade determinada. Para Gutierrez, uma outra alternativa para pensar o lazer consiste em destacar a questão da busca do prazer enquanto elemento fundamental que o distingue das demais manifestações sociais. Não haveria, assim, nenhuma forma de lazer que não incluía a expectativa futura de auferir algum nível de prazer, independente do fato da expectativa vir a ter sucesso ou não, o prazer é definido enquanto “elemento essencialmente humano, característico da formação da personalidade e que pode ser percebido em qualquer meio social organizado, desde uma perspectiva histórica.” (GUTIERREZ, 2000, p. 39). Uma exposição mais ampla a respeito das diferentes definições de lazer já foi desenvolvida num trabalho anterior e não cabe aqui retomá-la (ALMEIDA, 2003).

3 Confronto e Relação do Lazer com o Referencial de Cultura

Desde os primeiros textos de lazer existe a relação com a cultura, por isso, muitas das atividades designadas como lazer passam por manifestações de cultura. Podemos exemplificá-los como os vários tipos de jogos, brincadeiras, expressões artísticas, não há dúvida que as atividades designadas são lazeres e fazem parte da herança cultural de cada comunidade ou sociedade.

Algumas apropriações teóricas do lazer em diferentes conteúdos (DUMAZEDIER, 1979) podem fracionar a cultura em segmentos estanques, perdendo a sua riqueza intrínseca da sua multiplicidade, antagonismo e renovação. Procurando não segmentar nem a idéia de lazer, e nem tampouco a de cultura, trabalharemos a sua relação como definida pela totalidade das tradições, técnicas e instituições derivadas de um sistema histórico, parte integrante e indissociável do saber partilhado por determinada comunidade. Apesar deste conceito explicitar uma totalidade, deve-se ter

o cuidado de evitar reviver a ditadura de uma concepção de “cultura” abstrata, mas percebida numa realidade concreta enquanto cultura de massas, cultura popular e cultura erudita.

A cultura de massa, que também pode ser compreendida enquanto indústria cultural, constituiu-se após o fim da guerra fria, principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia e a transformação dos meios de produção na segunda revolução industrial. Estudiosos deste período, como Benjamin, Adorno e Horkheimer, discutiram a sua influência no cotidiano da sociedade industrial, apontando para seu caráter dominador e ideológico, principalmente pela criação de mecanismos de difusão em massa, como é o caso do rádio, da fotografia, cinema e televisão. A arte, mais especificamente, que anteriormente se expressava no seio da cultura popular e erudita, agora divulga a rapidez e o consumo da transformação moderna da sociedade urbanizada. A arte é a forma de expressão cultural que nitidamente sofreu com os avanços e transformações da sociedade massificada. Os meios de comunicação foram os grandes vilões dos artistas, eles terminam por substituir outras formas de expressão não consumistas, como o museu, o teatro, a música erudita e popular, criando em torno de si a televisão, o cinema e as rádios. Estas apresentações tornaram-se mercadorias, disseminando hábitos e costumes, moldando, posteriormente, as relações interpessoais (CORBIN, 1995).

Estes processos de substituição foram construídos para desenvolver o consumo e expandir o novo sistema de produção, num processo de padronização da vida burguesa, enquanto modelo último a ser seguido, atingindo, diretamente, as formas de lazer, já que o seu consumo ocorre necessariamente no tempo não produtivo. No lazer ocorrem os dois processos apontados anteriormente:

- mecanização do lazer através da incorporação da tecnologia;
- substituição da busca de um prazer não-consumista por uma necessidade de consumo, por meio da ideologização.

Mostrando que o lazer é parte integrante do processo de transformação cultural.

Por exemplo, na perspectiva de análise a cultura de massa, pelo processo de substituição e ideologização, pode ser percebida subordinando todas as outras expressões em prol do consumo, delimitado e esmagando os dois campos: cultura erudita (caracterizada pelo autoconhecimento) e cultura popular (caracterizada pela sociabilidade espontânea), para constituir-se enquanto campo hegemônico. Com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, a indústria cultural confunde-se com o lazer a ponto de serem usados como sinônimos, o que leva a um afastamento ainda maior das suas manifestações não consumistas como o lazer de rua, as relações interpessoais, a recordação das atividades antigas e as festas populares. O uso da televisão é lazer, como o cinema, a música pop, a dança de salão ou a fotografia. Entre as formas mais recentes vamos encontrar os parques temáticos, que nestes últimos dez anos tem se desenvolvido em grande escala no cenário brasileiro, sendo uma das expressões mais fortes do lazer de consumo e do uso da tecnologia no lazer.

De modo geral a cultura de massa não é definida pelo acesso, mas pela criação da necessidade em torno dela. Isto reflete no lazer de consumo, onde as atividades se sustentam através de um padrão mercadológico. Não estamos discutindo somente o lazer de alto padrão, podemos usar como exemplo a televisão que é massificada, porém cria-se no seu entorno uma necessidade, pode-se perceber que a indústria cultural não depende somente do poder aquisitivo, mas é parte também da formação cultural, construída pelo sistema de produção, caracterizada por um contexto histórico particular. A ideologia desta necessidade tem como objetivo principal a valorização de padrões de comportamento determinados, através da criação e reprodução de uma vontade de aquisição de bens materiais e simbólicos.

Esta aquisição de bens simbólicos levou Bosi (1986) a afirmar que a cultura de massa tenta suplantar e substituir os valores da cultura popular, sua idéia passa pela integração do indivíduo a indústria cultural, transformando-o em mero espectador ou consumidor. A massificação cultural desvaloriza o folclore, justamente para poder inserir-se como prática dominante e colonizar o popular com os valores capitalistas, com o intuito de destruir todas as formas espontâneas que não tem como fim último o mercado. O lazer, guiado pelos cânones da indústria cultural, tem uma forte presença do individualismo e do consumo, a sua construção gira em torno da necessidade, da busca do

prazer e do relacionamento com o outro através dos bens de consumo. Apesar de estar totalmente incorporado no cotidiano, este valor pode ser revisto, pois existem formas de preservação do popular e do erudito como veremos a seguir.

O termo cultura popular, por sua vez, remete-se às manifestações coletivas, geralmente no espaço não-urbano. Ao pensar a cultura popular, o folclore e os ritos antigos são os primeiros a serem lembrados. Esta alusão do popular e rural está presente na própria constituição do capitalismo, já que a exploração da terra o êxodo rural são características da formação do proletário urbano (FERNANDES, 1998). O processo de apropriação da cultura popular pela de massas é complexo e incorpora aspectos como, a perda de identidade, o afastamento dos símbolos sagrados coletivos, a destruição de uma moral campesina e o patriarcalismo. Como analisado na primeira parte deste artigo, assumimos a cultura no sentido semiótico de re-apropriação e re-significação temporal, historicamente determinada. Neste sentido, a cultura popular parece viver, desde a constituição da sociedade moderna uma luta diária com a indústria cultural, procurando incorporar a tecnologia e reconvertê-la enquanto instrumento de uma sociabilidade espontânea ou autêntica. No caso do lazer, particularmente, vive-se à dualidade entre as novas tecnologias do lazer e a ideologia do consumo, onde o lazer popular pode ser percebido enquanto espaço de resistência da doutrinação puramente consumista, tendo como exemplos as festas típicas e os jogos e brincadeiras como “mãe da rua”, “chiqueiro”, “pula cela”, “bolinha de gude” e todas aquelas que surgem de uma forma coletiva e de inter-relação entre os sujeitos. Diferentemente do universo eletrônico que vêm prontos ou do uso da Internet dentro de casa.

Neste caso, apontamos que é impossível compararmos a associação e relação coletiva dos jogos folclóricos com os jogos modernos. Porque a cultura popular tem como principal característica a sociabilidade, enquanto as atividades industriais são voltadas a exacerbação do individualismo e disseminadas enquanto mercadorias

Todas as práticas ligadas a este contexto coletivo são exemplos da cultura popular e o seu caráter de troca as torna mais importantes. Como descrito por Bosi (1986), a indústria cultural tenta suplantar a cultura popular. Segundo Habermas (1987), por exemplo, sempre existirão tentativas de exterminar a cultura popular, para incutir cada vez mais os valores de consumo. A incorporação do popular pelo mercado é infinito,

segundo Habermas, já que a própria indústria cultural nasce do mundo da vida, posteriormente desvincula-se da cultura popular através da sua complexificação sistêmica, passando a colonizá-la. Este processo é definido por Habermas como formação e apropriação do sistema através da colonização do mundo da vida. Para Habermas, o mundo da vida é a base das relações humanas, e, toda nova forma de vida tem como base essa relação orgânica e social. A cultura, neste sentido, é o armazém do saber humano (HABERMAS, 1987). Deste modo, as festas típicas, como a Junina, Cosme e Damião e dias Santos podem ser vistas lutando para manterem a tradição e não sucumbirem à indústria cultural.

Apontamos, através do referencial habermasiano, que a cultura popular é re-apropriada, re-significada e re-construída, numa evolução da própria construção social. Neste sentido o lazer definido aqui como popular não é aquele que permanece inalterado pelo tempo, mas o que preserva e incentiva a socialização espontânea e a formação coletiva de identidade do grupo. Esta dimensão parece ser a característica fundamental da cultura popular.

Assim as práticas de lazer populares como os jogos que pulsam nos guetos, ou as brincadeiras de rua urbana, ou as festas rurais populares, são formas de lazer que representam as práticas coletivas de convivência e símbolos de uma comunidade, um apelo ao passado e uma forma de resistência à generalização da tecnologia e do consumismo.

Diferentemente dos dois conceitos de cultura analisados, a cultura erudita não pode ser encarada como valorização do aristocrático, ou ligada, literalmente, ao poder aquisitivo, porém é verdade que, de uma forma geral, sua existência depende da atenção prévia das necessidades materiais básicas.

A cultura erudita não é uma cultura de massas, pelo contrário, a concepção de um consumismo exacerbado afasta-se da cultura erudita (Bosi, 1986), pois o erudito tem um caráter de descobrimento do belo e de auto-conhecimento, próximo como a definição de cultura dos gregos e latinos. Ela tem como pressuposto o encanto com a arte, da sacra à moderna, do renascimento à reforma, da iluminista à barroca, do surrealismo ao romântico, enfim da arte enquanto uma linguagem distinta, que necessita uma educação específica para seu deleite e contemplação. O próprio termo contemplação afasta-se do

“tempo é dinheiro” capitalista. Essa outra linguagem, que representa a arte, difere de uma leitura mecânica da sociedade, traz-nos um olhar peculiar dos períodos históricos expressando as características de um povo, de um grupo e de cada contexto específico.

Mas aqui, da mesma forma que no caso anterior, é preciso tomar cuidado com definições simples ou principistas. O cinema por exemplo, mesmo resultado do desenvolvimento industrial, não pode ser considerado manifestação exclusiva da cultura de massas. Correndo o risco de apresentar um ideal de erudito passadista, pensando a arte erudita como classicismo e que uma arte erudita jamais poderá ser feita em interface com as máquinas contemporâneas. Este pensamento apresenta a cultura de forma estática e esquece a possibilidade da re-significação de toda manifestação humana.

A arte é um veículo de contestação social, como por exemplo as expressões artísticas da década de 60 e 70. A cultura erudita pode representar a contestação ao sistema e a sua própria contradição, ser ao mesmo tempo fruto do capitalismo e sua crítica. Por conseguinte, como acontece com a cultura popular, a cultura erudita também é re-significada, utilizando novas técnicas e tecnologias para se expressar. O cinema, que é um cânone da indústria cultural, também pode surgir como manifestação de uma cultura erudita, nos termos aqui desenvolvidos.

A contemplação da arte é lazer. Apesar da cultura erudita e do lazer se afastarem, devido ao conceito lazer colar-se a indústria cultural, pode-se tentar aproximá-lo do erudito no sentido de construir um contraponto à cultura de massa.

Subvencionada pelo Estado, a arte erudita representada pelos museus, apresentações das orquestras clássicas, bibliotecas de acesso gratuito são pouco procuradas já que dependem de um desenvolvimento educacional complexo e de longa maturação. O desinteresse por parte de setores da população, decorrente de problemas estruturais no campo educacional, leva a uma menor atenção pelo Estado, desvalorizando e tornando mais difícil o surgimento e divulgação de novos artistas e novas tendências eruditas, numa espécie de círculo vicioso.

Em resumo, como tentaremos desenvolver no quadro a seguir, o lazer erudito pode ser caracterizado pela valorização do indivíduo, sensibilidade e auto-conhecimento. Na cultura popular há a valorização do indivíduo enquanto grupo e também da sensibilidade, contudo este conhecer-se não figura como principal característica. Na

industria cultural esta sensibilidade é totalmente disparatada quase um clichê, a valorização extremada do indivíduo leva ao individualismo e o auto-conhecimento pode levar a aniquilação dos princípios de consumo, por isso não existe.

QUADRO 1 - INTERFACE LAZER E CULTURA

Características do Lazer	Erudito	Massa	Popular
<i>Atributos sociais valorizados</i>	Auto-conhecimento Individualidade Subjetivismo	Alienação Individualismo Fetichismo	Familiaridade Coletivismo Inter-subjetivismo
<i>Relação com as políticas públicas</i>	Precária e sem incentivo.	Garimpo de votos Populista Consumista	Programas Federais sem apoio popular Populista
<i>Relação com o lazer</i>	Afastamento pelo elitismo	Quase sinônimo	Idéia de passadismo Nostalgia romântica
<i>Dificuldade ao acesso</i>	Educação Divulgação	Acesso aos bens materiais	Dominação da cultura urbano-industrial
<i>Inserção social</i>	Elitista	Dominação Hegemônica	Regionalista
<i>Formas de expressão</i>	Plural Seletiva Elitista	Mercadológica Alienante Massa consumidora	Patriarcal Coletivista Identidade nacional
<i>Diálogo com outros campos</i>	Aberto	Fechado	Aberto

As relações entre lazer e cultura, ou ainda a percepção das dimensões do lazer a partir da reflexão a respeito da cultura, permitem perceber a dominação (não absoluta) da industria cultural, definida aqui enquanto categoria próxima à cultura de massa, com relação à cultura popular e a cultura erudita, através da relação ideológica com o público, onde incentiva o consumismo e o individualismo. E a cultura popular (caracterizada pela sociabilidade espontânea) e a erudita (caracterizada pelo auto-conhecimento) apresentam um intercâmbio constante, ou pelo menos uma dimensão comum enquanto resistência ou re-significação da industria cultural, conforme procuramos ilustrar no QUADRO 1.

4 A Interface Lazer e Cultura nas Políticas Públicas

Não devemos comparar as discussões teóricas sobre o lazer com as ações práticas e grupos de controle da política. Pois a discussão a respeito de políticas de lazer é muito distinta da discussão sobre o objeto de pesquisa lazer. A passagem de um referencial para outro é cheio de conseqüências e transformações. Enquanto a pesquisa teórica busca ampliar o conhecimento acumulado a respeito de um determinado assunto, a prática política busca a ampliação do poder dos agentes e o controle político de suas bases. Assim, o investimento na área de lazer deve entrar em disputa com outras secretárias, tornando inviável, muitas vezes, a opção por uma nas políticas públicas de lazer.

Por isso o lazer é uma opção fraca politicamente, estando, dentro do cenário político em segundo plano, tendo em vista os campos como educação saúde ou habitação. Pensar a política de lazer é praticamente sinônimo de pensar em formas de aumentar o peso da área dentro da constelação mais ampla de alternativas de investimento que se apresentam para os governantes, a partir da inserção num quadro nacional com forte influência das práticas de sustentação no poder, onde governar muitas vezes confunde-se, ou até mesmo resume-se a distribuir verbas e cargos.

Desta linha de raciocínio, um primeiro aspecto essencial é o caráter educativo das políticas públicas de lazer. O lazer que historicamente era visto como ócio, delinqüência e desocupação, vinculou-se à ordem urbana industrial do tempo livre. Associar as políticas públicas a esta ordem foi muito tranqüilo, tendo no esporte e nas atividades físicas o grande marketing das políticas públicas. Esta visão do lazer pode ser encontrada em gestões de diferentes prefeituras como Belo Horizonte (1999) e Porto Alegre (STIGGER, 1996), apropriando-se de discussões correntes da década de 70 e 80, como a preservação e transformação de áreas urbanas de forma a facilitar o acesso ao lazer e a educação pelo lazer e para o lazer. Ou mesmo um lazer funcionalista, numa perspectiva de influência com o fim último de pensar o lazer como um eficiente instrumento de auxílio no vasto esquema educacional, que visualiza a promoção humana e o progresso social.

Deste referencial de lazer preocupado com o social surgiu a idéia das atividades de lazer vinculadas à educação, o lazer se potencializa na educação pelo lazer. Em outras palavras, o caráter educativo e pedagógico justifica a inserção do lazer nas políticas públicas, já que o jogo e o brincar, incontestavelmente, são ações sociais que propiciam o desenvolvimento pessoal e cognitivo. Deste modo, o lazer insere-se na escola, nas atividades com jovens de riscos, nas penitenciárias, nas casas para crianças de rua, nas atividades, nos jogos e nas brincadeiras que são uma importante ferramenta das políticas sociais.

Outra alternativa de valorização do lazer passa por associá-lo ao controle da criminalidade (NICHOLLS, 1997), com atividades em locais com altos índices de violência, ou de locais de consumo e venda de drogas. Trata-se então de um lazer funcionalista, que serve para minimizar os riscos sociais, fundamentado na concepção de que as ações ilícitas são provocadas por escolhas do indivíduo e não por problemas sociais mais gerais. O lazer é visto como integrante de um plano geral que vai eliminar a delinqüência (BH. Prefeitura Municipal, 1999).

A implementação de uma política de lazer dá-se no interior de um projeto político mais amplo e através de uma máquina de administração pública dominada, durante um período de tempo específico, por um partido político ou, ainda, por uma tendência integrante de um partido político. A expectativa do controle de verbas para serem distribuídas, mais a necessidade de lotear as diferentes secretarias entre os grupos que irão compor uma base parlamentar de apoio, leva a execuções de ações administrativas de uma forma não coordenada e independente umas das outras, em função dos interesses específicos de cada grupo instalado na estrutura de poder. Assim, é extremamente difícil somar as propostas do campo do lazer com as de outras áreas como saúde, habitação, educação, etc, conforme procuramos apontar em outro texto (GUTIERREZ, 2001). O mesmo tipo de situação pode ser percebido com relação à área de cultura e os agentes culturais, levando muitas vezes ao aumento da importância dos conteúdos esportivos no interior das políticas de lazer, ou ainda à opção mais fácil de contratar, com verbas públicas, apresentações de representantes da indústria cultural, já que eles possuem a legitimação de serem conhecidos e sua presença desejada por grande parte da população.

Cabe destacar, além da associação do lazer à educação e controle da criminalidade, sua aproximação com temas como qualidade de vida, incentivo à atividade física e valorização da cultura. Além disso, existe um certo consenso com relação à importância das questões referentes à implementação concreta de intervenções ao nível municipal ou da própria comunidade, destacando o planejamento, formação de recursos humanos, integração das ações dos diferentes órgãos públicos e formação de parcerias com o setor privado e organizações não governamentais (ONG's) (BRAMANTE, 1999, 2004).

A política pública de lazer, como qualquer outro setor, deve ter uma postura crítica e articular-se, compartilhando objetivos e recursos, além de adotar como critérios fundamentais o incentivo à sociabilidade espontânea e o desenvolvimento da sensibilidade e do auto-conhecimento dos participantes. É neste sentido que procuramos aqui apontar a importância da pesquisa a respeito do objeto cultura e sua contribuição para pensar o lazer e as políticas de lazer.

Abstract

This article has as main focus to understand the relation of the concept culture in the leisure politics. We use as analysis procedure the theory of arguments consensuses habermasiana, for in such a way, methods, distinguished it culture in three fields: mass, popular and erudite. The leisure was approached to leave of these definitions, since it meets in the social relations. With the separation in determined fields, in types, it was possible to diagnosis the influence of the relation leisure and culture in the public politics, detaching that the same ones are restricted not them social necessities but in the maintenance of the power politician.

Key-Words: Leisure; Public culture; Politics.

Referências Bibliográficas

- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Esportes. *O Lúdico e as políticas públicas: realidade e perspectivas*. Belo Horizonte: PBH/SMES, 1999.
- ALMEIDA, M. A. B. *Lazer e presídio: contribuições da teoria da ação comunicativa*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Brasil, 1989.
- CORBIN, A. *L'avènement des loisirs: (1850-1960)*. Paris: Aubier, 1995.
- DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1984.
- _____. ; DUNNING, E. *Memória e sociedade a busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, F. O folclore de uma cidade em mudança. In: OLIVEIRA, P. de S.s (Org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec: UNESP, 1998.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUTIERREZ, G. L. Lazer exclusão social e militância política. In: BRUHNS, H.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- _____. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- HABERMAS, J. *Teoria de la acion comunicativa..* Madrid: Taurus, 1987.
- MAGNANI, J. Lazer um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, H.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *O corpo e lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: neurose*. 9. ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NICHOLLS, G. The role of sport counseling for unemployed young people on Probation (23-26). *World Leisure and Recreation*, v. 39, n. 4, 1997.

SANT'ÁNNA, D. *O prazer justificado: história e lazer* (São Pulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

STIGGER, M. Participação popular na gestão espaço público de lazer: um caminho percorível na construção da utopia democrática. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Políticas públicas e setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996.